

NOTAS SOBRE OS SACRIFÍCIOS RELIGIOSOS E A EDUCAÇÃO CORPORAL

Ana Carolina Capellini Rigoni

Mestranda na Faculdade de Educação Física da UNICAMP (Bolsista Capes)

Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC)

Elaine Prodócimo

Docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP

RESUMO

Este texto tem como base as teorias de Marcel Mauss e de Henri Hubert sobre os mecanismos do sacrifício religioso. Discutimos a maneira como estes sacrifícios estão presentes nas crenças atuais de nossa sociedade. Nosso objetivo foi o de compreender como as crenças e seus ritos influenciam na construção do corpo do fiel, educando seus comportamentos e suas técnicas corporais.

ABSTRACT

This text is based on Marcel Mauss's and Henri Hubert's theories on the mechanisms of religious sacrifice. We discuss how such sacrifices are present in the modern beliefs of our society. Our goal was to understand how the beliefs and its rites influence the building of the follower's body, educating her/his behaviour and body techniques.

RESUMEN

Este texto se basa en las teorías de Marcel Mauss y de Henri Hubert acerca de los mecanismos del sacrificio religioso. Discutimos la manera como estos sacrificios están presentes en las creencias actuales de nuestra sociedad. Nuestro objetivo fue comprender como las creencias y sus ritos influyen la construcción del cuerpo del fiel, educando sus comportamientos y sus técnicas corporales.

INTRODUÇÃO

Acreditamos que em cada religião existe um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, e que isto se reflete no uso e na construção do corpo do indivíduo que a frequenta. Entendemos que os seguidores de uma determinada religião dão significado a suas ações pautados em diversas crenças e dogmas que de certa forma causam transformações na cultura corporal dos mesmos. Foi partindo deste princípio, que buscamos neste texto, entender como as crenças originárias de diferentes religiões, interferem e por vezes determinam as ações e os comportamentos dos indivíduos.

Foi baseado nos estudos de Marcel Mauss e de Henri Hubert (2005), contidos no livro *Sobre o sacrifício*, publicado originalmente em 1899, que desenvolvemos neste texto algumas idéias que podem ser úteis para o entendimento das ações realizadas hoje pelos fiéis das igrejas Cristãs com relação ao uso de seus corpos. Tecemos algumas reflexões sobre os conceitos desenvolvidos pelos autores e como podemos percebê-los em nossa sociedade. Não esquecemos que os textos utilizados dizem sobre outro tipo de sociedade e sobre outro período de tempo, portanto não poderíamos esperar que todos os seus conceitos coubessem ao nosso estudo sem quaisquer limitações. Mas queremos deixar claro que só

ousamos tecer algumas comparações devido à contemporaneidade do pensamento dos autores utilizados.

Marcel Mauss foi conhecido como o “pai da etnologia” na França e foi também um dos maiores contribuintes para o estudo das religiões. Para isto teve o apoio de Henri Hubert, membro da mesma escola e companheiro de Mauss nas buscas pelos fenômenos religiosos. Mauss também é autor de diversos estudos que demonstraram a seriedade de se estudar o homem levando em conta os fatos sociais.

Marcel Mauss tem vários estudos sobre as sociedades. Um deles é a obra publicada no Brasil com o título de *Sociologia e Antropologia*, que teve sua publicação original feita em 1950. Nesta obra consta - além do seu famoso texto *Ensaio sobre a dádiva*, onde ele desenvolve a idéia de “fato social total”-, um capítulo no qual Mauss fala sobre as “técnicas do corpo”, no qual ele nos mostra como o corpo é educado ao longo do tempo, pautado no modelo da sociedade em que vive. Acreditamos que não é por acaso que, em sua trajetória, Mauss venha falar de técnicas corporais depois de ter falado sobre fato social total, visto que em sua análise das técnicas do corpo ele busca analisar o “homem total”¹. Também não é por acaso que estejamos falando sobre eles num mesmo texto em que falamos sobre “religião”. Pois, entendemos que os fenômenos religiosos se constituem como fatos sociais totais, e que por trás deles existem elementos preciosos do universo físico, psicológico e social.

No entanto, neste texto iremos nos deter na idéia de “técnicas corporais”, demonstrando exemplos de como os fatos sociais, neste caso os sacrifícios religiosos, influenciam na educação deste “homem total”.

Para isso, iniciamos este trabalho elaborando uma explicação sobre o que Mauss e Hubert (2005) entendem como sacrifício e quais são as práticas ligadas a ele. A partir daí, buscamos a compreensão de como estes ritos estão presentes ainda hoje nas religiões existentes e como eles influenciam na educação do corpo.

O SACRIFÍCIO (CORPORAL)

Definir a função social do sacrifício foi o objetivo de Mauss e Hubert ao apresentarem uma busca elaborada dos ritos sacrificiais antigos e suas ligações com o mundo religioso. Para os autores, um rito sacrificial não precisa necessariamente estar ligado à religião, mas geralmente está, e com certeza teve origem a partir dela.

É importante deixar claro que o termo “sacrifício” é utilizado pelos autores para designar certos rituais praticados por indivíduos de um determinado grupo para iniciar ou manter o contato com deus, ou ainda, deuses dos quais têm necessidade. Ou seja, o sacrifício é composto de atos e rituais que servem para colocar em contato o mundo do sagrado com o mundo do profano. Neste sentido, poderíamos entender hoje o sacrifício como tudo que engloba certos rituais, sejam eles de rotina ou não, e que não são necessariamente atos que causam desconforto, dor ou sofrimento como é de costume pensar em nossa sociedade quando se emprega esse termo. Desta forma, o simples ato rotineiro de freqüentar um culto ou uma missa pode ser entendido como sacrifício.

Para os autores, é certo que o sacrifício sempre concebeu aos fiéis direitos sobre o seu deus. Pois quando um fiel se sacrifica, deus é “obrigado” a retribuir este sacrifício de alguma forma. Esta retribuição pode ser o alcance de uma graça pelo fiel, ou então a

¹ Mauss diz que é preciso entender o homem em sua totalidade, como alguém que preenche a existência humana de significados. Significados estes, frutos tanto de dimensões sociológicas, quanto psicológicas e fisiológicas.

eliminação de um pecado. Este é um exemplo de elementos sacrificiais que Mauss e Hubert usam para demonstrar um caráter primitivo do sacrifício.

Estas idéias desenvolvidas pelos autores aprovam a afirmação elaborada por eles de que, o sacrifício é sempre uma forma de contrato. Os autores citam as duas formas mais comuns de sacrifício que são: os de caráter expiatório e os que têm a forma de atribuição. O expiatório é a realização de uma promessa já feita e é praticado para desligar a pessoa do vínculo moral e religioso que pesa sobre ela. O sacrifício de atribuição é justamente o contrário, ou seja, o indivíduo quer comprometer a divindade por um contrato, “dou para que dê” (MAUSS e HUBERT, 2005, p.71). Há também os casos em que os ritos acontecem para agradecer uma graça alcançada. Como se fosse para selar um contrato que deu certo. Ou seja, é preciso ser “bom”, ficar próximo do mundo sagrado, mas para isso é necessária a ajuda de deus.

Mesmo buscando descobrir as origens do sacrifício os autores não acreditam que todos eles tenham sido gerados de uma forma primitiva e simples. Concordamos com os autores, pois nas religiões atuais encontramos as mais variadas formas de ritos sacrificiais que em nada se parecem com os ritos antigos. No entanto, o fato de não se parecerem não determina que seus objetivos sejam diferentes, pois como demonstraram Mauss e Hubert (2005, p.101) “todo sacrifício ocorre sobre certas circunstâncias em vista de fins determinados”, e é da diversidade destes fins buscados pelo fiel que nascem as várias modalidades de sacrifício, inclusive os atuais.

Em vista a todas as modalidades citadas pelos autores, entendemos que em todas elas o elemento mais importante presente nos sacrifícios é o “corpo” do indivíduo fiel. Em todos os ritos percebemos gestos e comportamentos que colocam o corpo como o objeto do sacrifício, portanto necessário de ser estudado para ser compreendido a partir do fenômeno religioso.

Como o sacrifício nas sociedades estudadas por Mauss e Hubert não são os mesmos que acontecem hoje em nossa sociedade, faremos a partir daqui a elaboração de algumas idéias destes dois autores sobre o que eles definem como sacrifício e como podemos relacionar estas idéias com os sacrifícios atuais.

O primeiro conceito estudado por eles diz que a palavra sacrifício sugere a idéia de consagração. É certo que em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso, ou seja, ele é consagrado ou ainda, ele é religiosamente transformado. No entanto, esta idéia de consagração remete somente a uma esfera do sacrifício, na qual há uma vítima (animal, vegetal ou objeto) que é destruída, pois não são todos os sacrifícios que têm este caráter de destruição.

Avaliando que Mauss e Hubert escreveram tal texto na virada do século XIX para o século XX, e em cujo período as crenças e ritos que existiam ainda não tinham as mesmas formas que têm hoje, buscamos em nossa pesquisa entender os sacrifícios e consagrações com um olhar modificado². Fizemos isto sem perder de vista a idéia principal dos autores, qual seja, a de que o objetivo do sacrifício é o de colocar o domínio do profano em contato com o domínio do sagrado. Além disso, concordamos com os autores quando estes concebem o sacrifício como a forma que o homem encontrou para se redimir com seu deus, ou seja, o sacrifício como uma espécie de prestação de contas.

A partir destes dois objetivos do sacrifício que foram relacionados pelos autores e sem correremos o risco de realizar uma interpretação equivocada, podemos elaborar alguns exemplos que ocorrem nos ritos atuais de algumas religiões. Ritos estes que apesar de

² Utilizaremos um olhar modificado porque estamos estudando religiões que não usam mais o sacrifício de uma vítima, seja animal ou vegetal. Neste texto, tratamos exclusivamente das religiões ocidentais, tipicamente cristãs.

possuírem mecanismos diferentes dos antigos, conservam o mesmo objetivo. Objetivos estes que para serem alcançados fazem uso do corpo do fiel.

Os sacrifícios com a finalidade de comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano se refletem hoje na representação simbólica que é conferida a certos elementos, como por exemplo, a hóstia católica. Os fiéis católicos, que supostamente fazem parte do mundo profano, precisam se alimentar do “corpo de Cristo” para que o seu próprio corpo possa se purificar e conseqüentemente possa entrar em contato com a esfera divina. Ou seja, a hóstia é o elemento religioso que simboliza o contato entre os dois mundos.

Quando o objetivo do sacrifício é a redenção, podemos citar os exemplos de auto-punição corporal como o uso do suplício, ou ainda o ato de “rezar o terço” ajoelhado³, (o que já implica num gesto corporal). Na crença Evangélica vemos diversos exemplos voltados a redenção do fiel, exemplos como a porcentagem de dinheiro doada pelo fiel todos os meses a sua Igreja, suas vestimentas, gestos proferidos durante o culto e outros comportamentos corporais são facilmente observados na rotina deste grupo. Ou seja, percebemos que diversos sacrifícios exercem influencias no sentido de educar o corpo do fiel. Alguns têm ação direta, como o ato de se levantar e de se ajoelhar nos momentos corretos durante um culto, as posições da mão no momento da oração etc. Outros agem sobre o corpo de forma indireta, como as roupas que alguns crentes precisam usar, o sermões que levam o fiel a modificar seus comportamentos etc. Assim, percebemos que o corpo é sempre influenciado, direta ou indiretamente. Temos aí, um conjunto de atitudes que foram educadas ao molde de uma determinada sociedade, neste caso uma sociedade religiosa. E a isso Mauss (2003) chamou de técnicas corporais⁴.

Neste sentido, temos um corpo que depende de ações e comportamentos, ou ainda como Mauss (2003) prefere chamar, temos um corpo que depende de “técnicas corporais” que sejam desejáveis a deus, um corpo que por estes motivos precisa ser educado e construído a partir dos moldes de uma determinada crença. Para Mauss, toda técnica tem sua forma e se aprende lentamente. O autor diz que o mesmo vale para toda a atitude do corpo, ou seja, as pessoas aprendem gestos lentamente, de acordo com os hábitos de sua sociedade durante toda a vida.

Mauss (2003) já estava atento na época para as diferenças de comportamento decorrentes da cultura. De alguma forma ele sabia que os indivíduos davam significados diferentes as coisas e que isto era explicado pela cultura na qual os sujeitos eram educados. É claro que Mauss não fala com estas palavras porque estes conceitos não eram desenvolvidos em seu tempo. Mas o que torna Mauss uma referência importante para nós é justamente ele inaugurar o estudo sobre o corpo e suas técnicas como algo não determinado só biologicamente como também socialmente.

Mauss (2003) cita diversas técnicas corporais que são aprendidas socialmente. A própria maneira de andar é um exemplo. Outro exemplo é a posição das mãos em repouso, algumas são convenientes, outras não.

Tudo isto também pode ser observado nas diferentes religiões. Para o autor, um simples gesto que se faz com as mãos durante uma oração religiosa, é efetuado numa série de atos montados. “(...) e montados no indivíduo, não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa” (MAUSS, 2003, p.408). É por isso que entendemos quando a autor fala que o corpo e suas técnicas estão ligados a símbolos morais.

³ Os católicos costumam rezar um terço do rosário, objeto religioso que marca a oração que deve ser feita e sua quantidade.

⁴ Mauss usa o termo “técnicas do corpo” para explicar os gestos e os modos de agir de cada indivíduo que são decorrentes de sua vida em determinada sociedade. Ou seja, atos tradicionais, porque a técnica a qual Mauss se refere não pode existir se não for tradicional (Mauss, 2003).

Portanto, também os gestos e os comportamentos dos fiéis aprendidos na igreja podem ser chamados de “técnicas do corpo”, visto que para Mauss (2003, p.401) as técnicas corporais são as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. A maneira pela qual os frequentadores de uma sociedade religiosa específica servem-se de seus corpos é justamente um reflexo de suas crenças e tradições. Seus gestos são aprendidos dentro de padrões determinados de comportamento. Quando dizemos “determinados”, não estamos dizendo que isto acontece de maneira obrigatória e sim de forma sutil e talvez totalmente inconsciente de acordo com a crença e a herança de um grupo específico. Assim, vemos gestos corporais que tomam a forma de sacrifício, serem perpetuados por uma sociedade específica, neste caso a religiosa.

OS RITOS E SEUS COMPONENTES

Para Mauss e Hubert (2005, p.26) “o sacrifício é um ato religioso que só pode se efetuar num meio religioso e por intermédio de agentes essencialmente religiosos”, ou seja, o meio religioso que estudamos é a igreja ou o templo, os agentes religiosos são os padres, ou os pastores desta igreja. Os fiéis por sua vez não possuem o caráter religioso e sagrado antes da cerimônia acontecer. Eles são profanos, portanto é preciso que passem pelos ritos que os introduzirão ao mundo sagrado. Para que isto aconteça é preciso purificar o “corpo” do indivíduo, pois é ele que é profano e põe a alma em risco. Ou seja, o sacrifício é sempre praticado por profanos (MAUSS e HUBERT, 2005, p.105). Não há sentido em um indivíduo participar de um ritual se ele já estiver puro. É por isso que cada religião propõe uma forma de ritual de purificação antes do início do culto. Alguns fiéis se ajoelham no chão e rezam, outros jejuam etc.

Outro dado importante é a rotina com que os cultos nas instituições religiosas devem ocorrer. Normalmente eles são semanais, e seus fiéis não podem faltar-lhos sem que com isso sofram algum prejuízo. É como se eles saíssem da cerimônia contagiados pelas coisas divinas, mas no decorrer da semana fossem perdendo este caráter sagrado necessitando voltar ao templo para nova cerimônia, isto antes que seus corpos sejam abandonados por deus. Vemos aqui um propósito do fiel de ter em vida o corpo protegido para que em morte sua alma seja salva.

Ao que parece, estes são contratos selados com o “ser superior” no qual a intenção é a salvação da alma, dando ao corpo somente o papel de mero objeto a ser utilizado para este fim. Portanto, o corpo é passível de se adaptar e se modelar da forma que for mais adequada. Seus gestos a partir de então serão reflexos de uma educação corporal religiosa.

Mauss (2003) afirma que em todos os elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos de educação predominam. Pois só imitamos gestos e comportamentos de pessoas que de alguma forma exercem prestígio sobre nós. É o que o autor chamou de “imitação prestigiosa”, explicando que a criança como o adulto imita atos de pessoas em quem confia e de pessoas que tiveram sucesso. Talvez dentro das igrejas, na visão de seus frequentadores, a pessoa que obteve maior sucesso foi aquele que atingiu o papel de padre ou de pastor. “É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social” (MAUSS, 2003, p.405). Pois o gesto executado pode ser físico (biológico), mas seu elemento “condicionador” é social. Portanto, se na igreja este condicionador social de atos vem do padre, ou do pastor, é ele quem intervém e age na educação dos indivíduos que frequentam sua Igreja.

Quanto as cerimônias, estas ocorrem de formas diferentes e em tempos diferentes. Mauss e Hubert nos falam sobre as cerimônias classificarem-se em sacrifícios ocasionais e sacrifícios constantes. Os sacrifícios ocasionais são aqueles que não possuem dias certos para acontecer, mas acontecem em ocasiões necessárias como, por exemplo, os ritos sacramentais, os ritos votivos e os expiatórios. Pensando nas religiões atuais, encontramos algumas cerimônias ocasionais como: as cerimônias de batismo, as de casamento etc.

As cerimônias ou sacrifícios constantes são aqueles que acontecem sempre em dias certos e pré-estabelecidos, ou seja, são os cultos semanais. Na Igreja Católica a Missa do domingo é a mais freqüentada. Na Igreja Evangélica Assembléia de Deus as cerimônias são divididas de acordo com os objetivos: o dia do culto do louvor, o dia do culto a Santa Ceia, o dia do culto de Libertação etc., mas o culto do domingo também é o principal e conseqüentemente mais freqüentado.

Todos estes ritos, mesmo tendo como objetivo a salvação da alma, têm uma relação profunda com o corpo. Há uma série de gestos que devem ser praticados numa cerimônia que envolve detalhes minuciosos. As mãos devem estar posicionadas corretamente, deve-se ficar de joelhos na hora certa, levantar na hora certa, enfim, são vários os exemplos de ritos corporais que compõem os mecanismos de sacrifício religioso.

Estes não são obviamente sacrifícios com a mesma forma e com os mesmos elementos estudados por Mauss e Hubert, no entanto, os próprios autores tecem comparações com os ritos atuais e até citam alguns exemplos que ocorrem hoje alegando que são resquícios e heranças dos sacrifícios antigos.

O mecanismo da consagração da missa católica é, em linhas gerais, o mesmo que o dos sacrifícios hindus. Ele nos apresenta, com uma clareza que nada deixa a desejar, o ritmo alternado da expiação e da comunhão. A imaginação cristã se erigiu sobre planos antigos (MAUSS E HUBERT, 2005, p.99).

Assim, as religiões cristãs até hoje justificam seus atos pautados em explicações atuais (modernas) e também antigas. As explicações antigas são necessárias para manter sólida a base religiosa do cristianismo. Mas as mudanças atuais foram necessárias para acompanhar todas as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e que sem as quais as igrejas poderiam sofrer um abandono de fiéis.

Assim como a sociedade, a religião também se modifica ao longo da história. Isto acontece porque a igreja precisa assumir um posicionamento que acompanhe as transformações políticas, culturais e econômicas ocorridas na vida de seus fiéis. Sendo assim, se a religião sofreu (e ainda sofre) mudanças, isto também se reflete no corpo. Podemos admitir que os gestos corporais se transformam ao longo do tempo assim como as regras morais de cada religião também se modificam.

O SACRIFÍCIO E SEUS COMPONENTES: COMO O CORPO ESTÁ PRESENTE NESTE PROCESSO

Quando Mauss e Hubert falam sobre os rituais, citam os papéis que cada um desempenha no momento do sacrifício. Quanto ao papel do “sacrificador”, nós já o comparamos ao do pastor atual. No entanto, os autores falam do papel do “sacrificante” e da “vítima” de forma que não podemos tecer comparações com os papéis nos ritos atuais.

Para os autores, chama-se de sacrificante aquele que recebe os benefícios do sacrifício. Mas, para que isto aconteça é necessário que haja uma vítima. Esta pode ser

tanto um animal, como um objeto. Assim, a vítima será “a coisa” consagrada que servirá de intermediária entre o sacrificante e a divindade, pois o homem e deus não estão em contato imediato.

Ainda existem algumas crenças em que os papéis são divididos como os autores colocam. Estas crenças ainda têm um sacrificante (homem) e um animal ou objeto que servem de vítima, como por exemplo, uma oferenda feita a algum santo, contendo velas e uma galinha. Mas estes casos são escassos nas religiões atuais.

No que se refere às igrejas que fazem parte do Cristianismo, não observamos nenhum exemplo em que algo (objeto ou animal) seja consagrado além do próprio homem. Portanto, vemos nesta crença a mudança de papéis. Agora o sacrificante se torna também a vítima. E da forma mais clara que pudemos observar, esta vítima nada mais é do que o corpo do sacrificante. É ele, o corpo, que é estimulado ou contido de um gesto. É através do próprio corpo que se dão os rituais. Mas neste processo todo o corpo é só o meio pelo qual o rito acontece, porque o fim dele está na alma. Desta forma, poderíamos até chegar a seguinte idéia: o homem-alma utiliza-se do homem-corpo para alcançar uma dádiva ou para se redimir de um pecado. Sendo assim, temos uma mesma pessoa que se divide em corpo (vítima) e alma (sacrificante), atribuindo ao corpo a responsabilidade de salvar a alma.

O crente precisa do seu corpo (pois ele é a matéria) para entrar em contato com o mundo sagrado. Ele transforma seu próprio corpo numa oferenda aos deuses. Isto faz com que a vítima transmita o caráter sagrado do mundo religioso ao mundo profano ou vice-versa (MAUSS E HUBERT, 2005, p.103). Muitas vezes, para conseguir este contato, e através dele alcançar uma graça, algumas pessoas não só se assumem no papel de vítima, como colocam outro indivíduo neste papel. Temos alguns exemplos de mães ou pais que fazem promessas em nome de seus filhos. Assim, quem deve pagar com um sacrifício é o próprio filho e não os autores da promessa. Normalmente neste tipo de sacrifício, os rituais são corporais. Em alguns casos, a vítima deve se abster de alguma coisa, em outros casos ela paga a dívida subindo uma escadaria de joelhos, ou ainda ajoelha-se sobre pedras. Em alguns casos, ainda que incomuns, vemos até a vítima agredindo-se fisicamente. O intermediário entre o mundo sagrado e o mundo profano não é mais um objeto ou um animal e sim o próprio corpo do homem religioso.

Se Mauss e Hubert entenderam que para se alcançar o caráter religioso satisfatório é necessário a consagração da vítima, então, entendemos nós que esta consagração nada mais é do que a consagração do corpo. Sacrificar o corpo porque a alma precisa é uma forma de expiação bastante utilizada pelas crenças religiosas.

Segundo os autores a vítima é apta ao bem e ao mal, mas é geralmente no corpo que está o mal (o corpo é passível de “cair em tentação”) e na alma que está o bem. Isto também tem relação com a afirmação sobre os sacrifícios ao longo da evolução religiosa estarem ligados a imortalidade da alma (MAUSS E HUBERT, 2005, p.69), ou seja, esta deve ser pura porque é eterna.

Mas o que fazem os fiéis (sacrificantes) para se manterem puros? Ora, eles se sacrificam. Temos um indivíduo que abdica de uma coisa para conseguir outra.

Assim se explica um caráter muito particular do sacrifício religioso. Em todo sacrifício há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e dá. E geralmente essa abnegação lhe é mesmo imposta como um dever, pois o sacrifício nem sempre é facultativo; os deuses o exigem (MAUSS E HUBERT, 2005, p.106).

No entanto, Mauss e Hubert deixam claro que essa abnegação não suprime um retorno egoísta.

Se o sacrificante dá algo de si, ele não se dá: reserva-se prudentemente. Se ele dá, é em parte para receber. O sacrifício se apresenta assim sob um duplo aspecto. É um ato útil e é uma obrigação. O desprendimento mistura-se ao interesse. Eis porque ele foi freqüentemente concebido sob a forma de um contrato (MAUSS E HUBERT, 2005, p.106).

Para os autores talvez não haja sacrifício que não se configure em forma de contrato. Para eles as duas partes envolvidas trocam serviços e ambas têm suas vantagens, pois os deuses também têm necessidade dos profanos. “Para que o sagrado subsista, é preciso dar-lhe sua parte, e é com a parte dos profanos que se faz essa reserva” (MAUSS E HUBERT, 2005, p.106). Ou seja, um não existiria sem o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as idéias dos autores, de que o indivíduo tenta penetrar na esfera do mundo sagrado através do sacrifício, entendemos que ele faz isto oferecendo seu corpo como vítima. Pois se o corpo conseguir passar pelo ritual, e dele sair purificado (e não destruído), significa que sua alma avança em direção às coisas sagradas. Isto demonstra como o corpo se configura como o principal objeto do sacrifício nas religiões atuais.

Para Mauss e Hubert (2005) não há sacrifício em que não intervenha alguma idéia de remissão, e quanto mais o indivíduo se envolve no domínio religioso, mais ele é afastado do profano. “Quanto mais um ser é impregnado de religiosidade, tanto mais lhe pesam interdições que o isolam” (MAUSS e HUBERT, 2005, p.105). Quando os autores dizem que a proximidade com a religião isola o homem do profano, podemos entender que cada vez mais ele é levado para longe das ações e comportamentos do cotidiano de nossa sociedade, visto que ela é considerada profana pelos religiosos.

A partir daí, o corpo do homem religioso abandona certos comportamentos para viver de forma diferente. Seus gestos e técnicas corporais se modificam, acompanhando as mudanças de sua crença e de seu modo de ver o mundo. Um homem que se sacrifica para se manter perto do sagrado começa a ver na sociedade comportamentos inaceitáveis para o seu deus. Por isso, ele se distancia dela e se agrupa em outra sociedade específica: a religiosa, onde todos no grupo pensam e agem da mesma forma. É por isso que em algumas crenças mais radicais é possível perceber certa padronização de comportamentos e de técnicas corporais, ou seja, os gestos dos indivíduos se tornam específicos daquela sociedade que ele compõe e acredita. A partir daí, podemos observar diversos casos (muitos já citados no corpo do texto) onde a crença numa determinada religião influencia e por vezes determina os gestos e comportamentos do fiel.

Um indivíduo católico aprende a fazer um ritual em nome dos três elementos da Igreja Católica (santíssima trindade). Neste ritual ele pronuncia a frase: *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém*, acompanhada do gesto corporal sem o qual o rito não teria sentido nenhum. Além dos católicos executarem este rito dentro da Igreja, eles o fazem em diversas situações fora dela.

Na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, temos outro exemplo que influencia sobremaneira o uso do corpo pelos fiéis. É o fato das mulheres só poderem usar saias,

ficando-lhes proibido o uso de calças ou bermudas. Isto delimita os movimentos delas, modificando o uso que fazem do próprio corpo.

Sabemos que para algumas pessoas estes comportamentos não parecem ter nada de positivo. O fato é que este texto não teve o objetivo de julgar e nem de emitir qualquer juízo de valor a respeito das crenças religiosas citadas. O objetivo foi o de simplesmente compreender tudo que engloba este fenômeno social chamado religião e seus sacrifícios.

Apesar de algumas coisas parecerem pertencer à esfera do imaginário, Mauss e Hubert (2005) nos alertam que não podemos olhar para o fenômeno com estes olhos, pois isso poderia nos levar a pensar o sistema inteiro como apenas um jogo de imagens, quando na verdade, o que temos, são realidades verídicas.

Quem não acredita vê nesses ritos nada mais que vãs e custosas ilusões e se espanta de que a humanidade tenha se obstinado em dissipar suas forças em favor de deuses fantasmagóricos. Mas talvez haja aí realidades verídicas às quais se pode associar a instituição em sua integralidade. As noções religiosas, por serem objeto de crença, existem; existem objetivamente, como fatos sociais (MAUSS e HUBERT, 2005, p.107).

Ou seja, as coisas sagradas que pertencem ao sacrifício são coisas sociais, e isto basta para explicar o sacrifício. Uma crença é verdadeira simplesmente pelo fato de acreditarmos nela. Assim, compreendemos que a função social do sacrifício está nos símbolos sociais que o crente exprime para si mesmo.

REFERÊNCIAS

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, M.; HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Rua Ângela Signori Grigol, 189
Bairro: Jardim América
Distrito de Barão Geraldo
CEP: 13.084-405 – Campinas - SP
E-mail: anacarolinarigoni@yahoo.com.br